



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**ANDRÉ LUÍS CARMO DOS SANTOS**

**(depoimento)**

**2015**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpendo Memórias

**Número da entrevista:** E-644

**Entrevistado:** André Luís Carmo dos Santos

**Nascimento:** 28/06/1977

**Local da entrevista:** Centro de Memória do Esporte/UFRGS, Porto Alegre.

**Entrevistadora:** Luiza Aguiar dos Anjos

**Data da entrevista:** 11/12/2015

**Transcrição:** William Charles Gomes

**Copidesque:** Luiza Aguiar dos Anjos

**Pesquisa:** Luiza Aguiar dos Anjos

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 41 minutos e 48 segundos

**Páginas Digitadas:** 18 páginas

**Observações:**

Entrevista realizada para a produção da Tese de Doutorado de Luiza Aguiar dos Anjos intitulada *De “São bichas, mas são nossas” à “Diversidade da Alegria”: uma história da torcida Coligay* apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano em agosto de 2018

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Primeiro contato com o Grêmio na infância; relação com família de colorados; primeiras experiências no estádio; entrada em uma torcida organizada; sociabilidade com integrantes da torcida organizado fora dos jogos; diferenças entre as torcidas organizadas; acolhimento da Força Azul a ex-integrantes da Coligay; convívio com os ex-integrantes da Coligay; preconceito sofrido por torcedores do Internacional; vestuário dos ex-integrantes da Coligay; extinção da Coligay; cânticos e danças de apoio ao Grêmio dos ex-integrantes da Coligay; relação das torcidas com os ex-integrantes da Coligay; manifestações dos torcedores da Força Azul; relação entre as torcidas organizadas vinculadas ao Departamento Eurico Lara; subsidio do Grêmio as torcidas organizadas; seu desligamento da Força Azul; sentimento por ter feito parte da torcida organizada Força Azul.

Porto Alegre, 11 de dezembro de 2015. Entrevista com André Luís Carmo dos Santos a cargo de Luiza Aguiar dos Anjos para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

L.A. – André, primeiro obrigadíssima por vir aqui conversar um pouquinho comigo, colaborar para a pesquisa. Primeiro queria que você começasse falando da sua relação com o Grêmio<sup>1</sup> e com o futebol. Quando que começou isso, quando é que você se tornou um gremista?

A.S. – Claro! Luiza muito obrigado, obrigado ao pessoal do CEME. Hoje é uma data emblemática, 11 de dezembro de 1983, o Grêmio foi Campeão do Mundo: primeiro clube do Rio Grande do Sul a ser Campeão do Mundo [risos] e logo hoje nossa entrevista. Bom, minha relação com o futebol começou desde muito pequenininho. Eu não sei dizer em que parte exatamente, mas, com vizinhos desde muito pequeno eu jogava bola, com meus tios também no pátio de casa eu jogava bola, desde que eu lembro que o mundo existe. E minha relação com o Grêmio foi muito engraçada. Eu sempre conto isso e as pessoas meio que não acreditam, porque eles sabem que eu sou bastante gremista, mas não sabem que eu sou de uma família basicamente de colorados<sup>2</sup>. Antes de eu torcer para o Grêmio acho que não tinha gremista na família. Então meus pais se separaram, quando eu tinha uns quatro para cinco anos, e nós viemos morar aqui no Bairro Jardim Botânico, em um condomínio muito grande, e no meu andar todos os meus amiguinhos de infância eram gremistas e os pais gremistas, então meu primeiro contato com um clube de futebol foi com o Grêmio. Claro, na época que eu jogava futebol, criancinha ainda, eu não sabia ainda que existiam times, tu joga de uma forma meio lúdica. Mas quando eu comecei a descobrir que clubes de futebol existem, o primeiro que eu descobri, por frequentar a casa deles, foi o Grêmio. Então eu ia na casa do fulano e tinha jogo do Grêmio, ia na casa do beltrano tinha jogo do Grêmio, e ali os pais torcendo, os filhos torcendo e eu entrei na onda e comecei a gostar do Grêmio naquela situação.

L.A. – E como é que era essa situação de você ser gremista para a sua família de colorados?

---

<sup>1</sup> Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

<sup>2</sup> Como são conhecidos os torcedores do Sport Club Internacional, principal rival do Grêmio.

A.S. – Bom, como os meus pais se separaram, a minha mãe nunca foi muito de futebol e não dava bola e nem me pediu para torcer para ninguém. E meu pai é *muito, muito colorado* e o pai dele mais colorado que ele ainda, com música gravada no museu deles lá, mil uniformes, mas eu escondia do meu pai porque ele nos via muito pouco no começo da separação. Aquelas coisas de casais que brigam e tem litígio, então eu escondia dele. Até que em um determinado dia, lá pelos meus oito ou nove anos, eu consegui esconder por muito tempo [risos], cinco anos praticamente, alguém inventou de contar pra ele que eu era gremista e ele nunca acreditou, tentou me persuadir, nunca com ameaças, mas fez de tudo, mas já era tarde, já era *muito tarde*. Eu nunca tive o menor vínculo com o clube deles, nunca tive interesse nenhum pelo clube deles, e sempre falo pra ele até hoje “a culpa foi tua”, mas uma ótima culpa, excelente, continua assim. [risos]

L.A. – E como é que você começou a frequentar estádios?

A.S. – Bom, eu morei, como eu disse anteriormente, aqui no Bairro Jardim Botânico e lá pelos sete, oito anos eu comecei a jogar no time da praça, que tinha uma escolinha de futebol na praça e a maioria era gremista e eu implorava pra minha mãe para que ela deixasse eu ir com eles aos jogos. Ela tinha muito medo, mas Porto Alegre era bem mais segura do que é hoje, nem se compara. Então levei dois, três pais de amigos na minha casa, implorando para eles irem lá e eles imploraram pra minha mãe e eu implorei pra minha mãe para que ela deixasse eu ir aos jogos e a muito custo ela deixou. Então eu digo, também as pessoas não acreditam, tenho 38 anos, fazem 30 anos que eu frequento os jogos do Grêmio, é *muita coisa*. E com 8 anos comecei a ir e nunca mais parei. Lembro direitinho do primeiro jogo, foi Grêmio e Joinville<sup>3</sup>, em 1986, e de lá para cá nunca mais deixei de acompanhar os jogos do Grêmio.

L.A. – E onde que você costumava se sentar quando você ia nesses jogos?

A.S. – Bom, no começo eu ia na arquibancada inferior, que era o local mais barato. que era o que eu podia pagar, enfim a gente podia dar um jeito. E depois de um tempo eu comecei

---

<sup>3</sup> Joinville Esporte Clube, de Joinville (SC).

a frequentar a Escolinha do Grêmio e pela a escolinha eu podia entrar na social e ali frequentei muito tempo também na social do Olímpico<sup>4</sup>. Até praticamente o Olímpico acabar eu ia na social, e eventualmente também nas cadeiras, mas basicamente no anel inferior.

L.A. – E quando que você começou a fazer parte de uma torcida organizada?

A.S. – Bom, eu sempre tive todo os interesses possíveis em relação ao Grêmio, frequentava escolinha. Durante um tempo eu deixei de frequentar a escolinha e encontrei um amigo no ônibus e ele estava com um adesivo da Força Azul numa pasta. E eu disse: “Que legal isso aí cara, eu sempre tive interesse de dar uma banda, de olhar a torcida, de ver como é.” E ele disse: “Mas vai lá cara, vai comigo, a gente vai junto”. E ele morava aqui pelo Jardim Botânico. Eu devia ter uns doze, treze anos. Ele marcou comigo em um domingo e nós fomos, e eu gostei da experiência. Também pedi pra minha mãe, levei o presidente lá pra falar com a minha mãe e ela aceitou que eu participasse, mas claro, no começo ela tinha medo: “torcida organizada, o que é isso? Como funciona? Tem briga? Tem bebida? Tem drogas?”. Então eles explicaram para ela que não tinha esse tipo de problema. A torcida era muito familiar, era um ambiente *muito* familiar, e eu gostei, frequentei durante um bom tempo. Então durante um tempo eu saí da torcida porque eu tentei de novo ser jogador do Grêmio, fui aprovado em um teste, joguei no Grêmio até 94, agosto de 1994 quando eu estava com 17 anos, então não deu certo a história de jogar futebol, voltei a torcer tudo de novo [risos], o negócio era ficar lá [risos].

L.A. – E em que participar de uma torcida organizada se diferenciava das outras experiências de frequentar estádio fora da torcida?

A.S. – É como eu te disse, na época nos anos 1990. No início dos anos 90, as torcidas organizadas do Grêmio eram muito pequenas. Então tu conhecia todo mundo que era de todo o departamento Eurico Lara: da Torcida Jovem, da Garra, da Raça, da Máquina, da Força Azul, não cheguei a pegar o tempo da Coligay, eles são anteriores, mas era uma grande família. Tinha uma família menor dentro da tua própria torcida, mas tu conhecia

---

<sup>4</sup> Estádio Olímpico Monumental, de propriedade do Grêmio. Foi inaugurado em 1954 e fechado em 2013.

todas as torcidas, todas as pessoas. Por jogo, a torcida que tinha mais gente botava cem pessoas, então não tinha como tu não conhecer esse universo. Todos os sábados, as pessoas passavam a tarde no Olímpico, arrumando instrumento, arrumando bandeira, tinha churrasco, tinha almoço, tinha janta, tinha café e torneios de futebol das torcidas, então era um ambiente em que tu conhecia todo mundo, era uma função, era um evento ser de torcida. Isso que eu acho que era o diferencial, porque no final das contas tu indo no jogo como sócio ou como torcedor comum, tu faz a mesma coisa, tu torce, tu vibra, mas o antes e o depois dos jogos, tu fazer parte da associação de uma torcida torna isso diferente.

L.A. – E para além desse antes e desse depois ali no espaço do Estádio, vocês tinham outros momento de convívio, vocês se encontravam?

A.S. – Sim, tinha as festas da torcida, churrascos, quando o Grêmio jogava fora e a torcida eventualmente não viajava as pessoas se reuniam na casa de alguém para assistir ao jogo. Tu acabava participando da vida social dessas mesmas pessoas, aniversário, formatura, casamento. Eu participei de várias situações, que eu não conseguiria nem enumerar agora, em função de estar no meio da torcida [silêncio]. Daqui a pouco a pessoa te ligava: “Tem um aniversário da Tia Sônia<sup>5</sup> hoje, lá na casa dela, vamos todo mundo”, estava todo mundo convidado. Meus aniversários também, eu fazia questão de convidar toda torcida, e toda a torcida ia, era uma situação engraçada assim, tu estar sempre envolvido em alguma coisa com a torcida do Grêmio.

L.A. – Você falou que existe a grande família Eurico Lara e as menores famílias. Essas torcidas tinham características próprias? A Força Azul tinha uma característica diferente da Máquina e das outras?

A.S. – Tinha, tinha. A Força Azul era muito parecida com a Máquina, eram torcidas mais familiares, porque tinha pai, tinha mãe, tinha tio, núcleos da mesma família, gremistas que faziam parte da mesma torcida. A Jovem, a Garra e a Raça eram diferentes. A Jovem fazia muito jus ao nome, era uma gurizada<sup>6</sup>, uma rapaziada, mas que o vínculo familiar eles criaram entre eles, não tinham pais, filhos que frequentavam a Jovem. A Jovem era uma

---

<sup>5</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>6</sup> Expressão típica do Rio Grande do Sul que faz referência a pessoas jovens.

torcida muito engraçada, a gurizada era muito da arruaça na época, então a Jovem era marcada como uma torcida: “Ah, Jovem do Grêmio é a torcida que gosta de uma briga, gosta de uma confusão, gosta de beber, gosta de uma fumaça”, mas no final das contas dentro do Departamento Eurico Lara todo mundo convivia muito bem. A torcida do Grêmio era muito unida na época, até como eu disse eram torcidas pequenas, todo mundo se conhecia e propósito era o mesmo, torcer para o Grêmio, seja onde for, vamos todo mundo junto. E nas excursões era mais engraçado ainda, porque nas excursões, naquela época, inícios dos anos 90, o Grêmio alugava um, dois ou três ônibus no máximo e iam um núcleo de cada torcida, então não tinha como tu não conhecer todo mundo, e todo mundo dividia comida, todo mundo dividia bebida, era todo mundo junto, se desse alguma confusão estava todo mundo junto, era todo mundo muito unido. Lembro também nessa época que nos Grenais<sup>7</sup> no Beira-Rio<sup>8</sup> o Grêmio locava ônibus para a torcida levar os instrumentos, então iam dois ou três de cada torcida cuidando das bandeiras, cuidando das taquaras, faixas, os instrumentos, e também era um momento de muita união porque tu ia no Beira-Rio, tu ia no estádio adversário, né? Então tu tinha que redobrar os cuidados, cuidar dos materiais, tomar conta, se preocupar com a torcida rival, claro, por mais que nós somos adversários, a violência era *muito* menor naquela época, então fica tudo muito no campo da especulação, do místico, “a torcida deles, cuidado, cuida dos materiais eles são perigosos”. Não tinha perigo nenhum [risos] no frigar dor ovos, ninguém ia te matar, ninguém ia te bater, eram só provocações basicamente.

L.A. – E você falou que você não chegou a conviver com a Coligay, você não chegou a pegar, em função da sua idade, a existência deles no estádio. Mas você ouvia histórias, casos, com relação a esta torcida?

A.S. – Coincidentemente, na Força Azul estavam vários ex-integrantes da Coligay, todos os caras da Coligay que voltaram a estar em alguma torcida organizada do Grêmio estavam na Força Azul. Quem não estava na Força Azul, não estava em torcida organizada nenhuma. Então eu conheci várias pessoas da Coligay através da Força Azul, e um ou outro em função da minha mãe que é cabelereira e também conhecia eles. Eles contavam várias histórias da Coligay, das túnicas, de quando eles entraram pela primeira vez, do

---

<sup>7</sup> Nome popular do jogo entre as equipes do Grêmio e do Internacional

<sup>8</sup> Estádio Beira-Rio, de propriedade do Internacional.

choque que eles deram na torcida, que muita gente aplaudiu, acharam engraçado. E eles eram muito divertidos, e o principal dos integrantes da Coligay: todos eram *muito* legais, *muitos* gente boa, não tinha nenhum que tu pudesse dizer que fosse alguém de difícil convivência, de má índole, pessoas ligadas a coisa ruins, drogas e coisa e tal. Todos eram *extremamente* educados, *extremamente* gente fina, receptivos, amigos, tudo. Tenho ótimas lembranças de todos eles.

L.A. – E de quais pessoas você se recorda de nome?

A.S. – Eu lembro muito bem do Miltoninho<sup>9</sup> e do Serginho<sup>10</sup>, assim mais próximos, e do Luizinho<sup>11</sup>. Todos inhos, né? Miltoninho, Luizinho, Serginho, esses eram os mais próximos e que eu lembro bem. Tinham outros, mas de repente eu não tinha tanto convívio, faz muito tempo. Isto era 1991, 1992, 1993. Mas desses três eu lembro muito bem, de estar sempre perto, sempre conversando, eles também sabiam que eu era *muito* mais novo que todos na torcida e eles me cuidavam, tinham um carinho enorme por mim e eu por eles, graças a Deus.

L.A. – O que você lembra de características deles tanto como pessoas, quanto como torcedores?

A.S. – Como torcedores eles eram *extremamente* gremistas, *extremamente* gremistas. Não tinha essa coisa de: “porque esse cara é Coligay, porque é cabelereiro, é um cara que se identifica menos, que se preocupa menos”. Eles eram *extremamente* preocupados com as coisas da torcida. Tinham um zelo pela sala da Força Azul, pelos materiais, se entregavam na hora de ir para as gráficas comprar camiseta, para a serigrafia escolher malha das camisetas, por organizar as festas da torcida. E uma característica muito engraçada também, que eu comparo com outras torcidas que eu conheço, que eu ouço falar, eles eram *extremamente* gremistas em primeiro lugar. Tem muita torcida que tu ouve falar, por exemplo a Gaviões da Fiel, eu conheço muitos caras da Gaviões que me parecem que eles são mais Gaviões do que Corinthians, o que eu acho um contrassenso, eu ouço ele primeiro

---

<sup>9</sup> Milton Bordini.

<sup>10</sup> Sérgio Luiz Cunha.

<sup>11</sup> Nome sujeito a confirmação.

falando da Gaviões e depois no Corinthians. Esses caras da Força Azul, principalmente os que eu convivi mais de perto, em primeiro lugar eles eram gremistas, *gremistas*, defendiam com afinco os jogadores que eles gostavam. Teve uma situação uma vez que eu critiquei, [risos], um jogador, [risos], na frente deles, e eles enlouqueceram: “Andrezinho, não faz isso, não pode, eles jogam para o Grêmio, essa camiseta que no corpo deles é Grêmio, é Grêmio, é Grêmio”. É impressionante, eles eram, eram não, ainda são extremamente gremistas, *extremamente* gremistas, e nesse aspecto eu me identifiquei muito com eles, porque se tem alguma coisa que marca a minha vida, é que eu sou *extremante* gremista. Eu tenho dificuldade quando eu vejo em redes sociais meus amigos criticando jogadores do Grêmio publicamente, eu já repreendi inclusive: “não cara, critica entre nós, em rede social de forma publica para colorado ver e apoiar a nossa crítica não pode, não existe isso”. Não critico ninguém do Grêmio publicamente, se tem que fazer eu faço internamente, de forma publica ninguém, não vai haver crítica minha para todo mundo saber que eu estou criticando coisas do Grêmio, jogadores, não saem da minha boca, [risos], da minha boca não saem.

L.A. – E por que você acha que eles buscaram e Força Azul e não outras torcidas?

A.S – É muito pela característica. A Jovem e a Garra tinham uma característica muito parecida, eles eram guris, uma gurizada, nos erámos de idades próximas, mas eles eram um pouco mais velhos que eu, então eu devia ter uns 13, 14, entrei com 12 eu acho, e eles 19, 18, 17, 20, 21, mas era uma gurizada assim que era da arruaça, gostava de uma bagunça. Eu percebo que eles saiam juntos em festas, gostavam de arrumar uma confusão, já eram uns caras que gostavam de cantar as gurias nos estádios, as poucas que iam, então a Jovem tinha esse perfil e a Garra também, era um perfil muito próximo. A Máquina era um perfil muito família, me lembro que a Máquina tinha duas ou três famílias com dez, doze pessoas, tudo dentro da mesma torcida, e uma ou outra pessoa fora dessas famílias que frequentavam a Máquina, e a Força Azul de repente foi a torcida que eles puderam ser acolhidos. A Força Azul tinha um núcleo de pessoal mais velhas assim, umas dez, doze que eram despidas de preconceito, então essas pessoas, de repente, se sentiram mais receptivas na Força Azul. E as pessoas que ingressaram na Força Azul depois que esse grupo estava formado, como eu e outros amigos que eu lembro, já entraram sabendo como as coisas funcionavam, então tu não podia entrar em um lugar, de antemão,

preconceituoso, tu não iria ser bem aceito lá. É como um retrato da sociedade, se tu frequenta um grupo, se tu sabe que aquele grupo tem aquela característica, heterogênea, que as pessoas não estão preocupadas com essa área sexual e cada um faz o que quiser da sua vida, frequenta se tu quiser. Agora, se frequentar, tem que respeitar, tu sabe que ali não tem preconceito, que o grupo funciona daquela maneira, então se tu tem preconceito, ou tu não vai gostar, ou tu vai ser rejeitado. Então acho que eles foram recebidos muito bem por essas pessoas mais velhas que eram despidas de preconceito, e as pessoas que entraram depois deles também já entraram sabendo, já entrarem sem preconceito. Me parece, e eu era muito novo na época que a avaliação era um pouco por aí. E tanto nas jantãs que a gente fazia nas casas, quanto nos estádios, o ambiente era dos melhores possíveis, dos melhores ambientes possíveis que eu já frequentei na minha vida. Não tinha o *menor* problema, o *menor* problema. Segregação não existia, não existia racismo, não existia aquela separação asséptica: “ah, não toco, não me misturo”. *Não!* Era todo mundo extremamente amigo, *extremamente* amigo. A viagem mais longa, inclusive, que eu fiz com a Força Azul, nós fomos ao Rio, para ver Grêmio e Botafogo<sup>12</sup>, quando o Grêmio foi rebaixado em 91, e no meu ônibus era Força Azul e Máquina. Pô, duas famílias gigantescas em um ônibus, né? E a convivência foi das mais pacíficas do mundo, *das mais* pacíficas. Eu me lembro que, como eu era muito criança, eu fiz um cálculo muito ruim do dinheiro que eu precisava, e gastei tudo antes da metade da volta, e tu vê, não tinha problema nenhum, as pessoas te pagavam comida, te acolhiam, um ambiente fantástico né? Fora o Grêmio ter perdido. [risos]

L.A. – Então era de conhecimento geral das pessoas, de quem buscava ingressar na torcida, de que havia um grupo de homossexuais lá dentro?

A.S. – Havia, todo o Grêmio sabia, todo o Grêmio sabia. E pelas características das pessoas, tanto física, como de vestimentas, de estilo, tu não tinha nenhuma dúvida de eles eram gays. E é engraçado porque a torcida colorada eles sabiam também, e uma certa vez eles me viram com uma camiseta da Força Azul na rua e diziam: “ah, gayzinho, gayzinho, anda com os gayzinhos. Força Azul só tem gay”. E eu não dava bola, estava nem aí. No ambiente futebolístico do Rio Grande do Sul todo mundo sabia, não tinha o menor mistério

---

<sup>12</sup> Botafogo Futebol e Regatas, do Rio de Janeiro (RJ).

que a Força Azul era assim, e eu nunca me afetei com isso também, cada um faz de si o que achar melhor, né?

L.A. – Então era comum da parte dos colorados que eles fizessem brincadeiras, piadas, ofensas a partir da discriminação?

A.S. – Uma coisa que me ocorreu agora, que eu lembrei agora, que é importante para a tua pesquisa, a Força Azul era chamada de Coligay. “A tu é da Coligay né, tu é da Coligay, Coligay, Coligay”. Os colorados marcava isso na pele, inclusive até hoje eles marcam na pela a torcida do Grêmio falando em “Coligay, Coligay, Coligay”. Claro, para eles isso é agressivo, eles levam no fator assim: “ah, é um ponto a menos que vocês têm”, como se não houvesse gays na torcida colorada, como se não houvesse racismo na torcida colorada. Isso é uma questão que eu grifo muito, Luiza, que me agride, essa questão deles imputarem na torcida do Grêmio o racismo, e eu sempre digo, da maneira que eu penso, o gaúcho é racista, não é o gremista ou o colorado. Isso está impregnado na cultura gaúcha, o gaúcho tem esta questão de ser mais macho que o outro, o gaúcho critica gay, então não é o gremista, isso não é próprio e particular, exclusivo da torcida do Grêmio. Tem racismo, tem exclusão na torcida do Grêmio em questão de gênero? Tem, não vamos esconder, tem sim, tem sim. Mas a torcida do Inter, não tem? Quem disse? Não existe colorado racista? Da onde? Se o Fabrício<sup>13</sup> este ano, jogador do Inter, foi chamado de macaco dentro do Beira-Rio na saída do túnel na social por colorado, ou eles vão dizer que eram os gremistas que estavam lá xingando o Fabrício de macaco? O Réver<sup>14</sup> foi chamado de macaco esse ano. A família do Juan<sup>15</sup>, o zagueiro da Seleção Brasileira que joga no Inter ainda, foi chamado de macaco dentro das cadeiras do Beira-Rio, e vão dizer que foram os gremistas que foram deliberadamente ao Beira-Rio, usaram a camiseta do Inter e chamaram eles de macacos? É muita hipocrisia, é *muita* hipocrisia, barata, suja, ralé, porque tem, isso está impregnado no gaúcho, e isso me agride demais como negro e gremista, enquanto um cara que também não tem preconceito em relação a gênero, mas enquanto negro isso me agride demais, *demais*. Eles desconhecem que na bandeira do Grêmio tem uma estrela amarela, e

---

<sup>13</sup> Fabrício dos Santos Silva.

<sup>14</sup> Réver Humberto Alves Araújo.

<sup>15</sup> Juan Silveira dos Santos.

essa estrela amarela é em homenagem ao Everaldo Marques<sup>16</sup>, que foi o único jogador gaúcho campeão do mundo em 70, e que era negro e só jogou no Grêmio. Agora como é que tu vai apropriar o racismo só para a torcida do Grêmio? De que jeito se o Grêmio tem na bandeira uma estrela amarela em homenagem ao Everaldo, que era negro? É complexo, né? Eu não aceito, não aceito.

L.A. – E já houve algum episódio, não necessariamente dentro do estádio, mas nesses vários momentos de encontros da torcida, que por exemplo um desses ex-integrantes tenha levado um namorado?

A.S. – Já, já, e era também muito “light”. Inclusive, eu não tenho certeza porque faz muito tempo, mas eu acho que dois deles eram namorados, até nem vou citar nomes porque eu não tenho certeza e eu não posso provar, mas me parece que eles eram. E também não tinha o menor problema, imagina, a gente ouve muito falar em preconceito hoje em 2015, no início dos anos 90 eles frequentavam numa boa, ninguém falava nada, no estádio todo mundo via e ninguém falava nada. Tinha um deles que, assim, eu não sei como expressar, eu não quero ser preconceituoso, mas que ele era quase assim mulher, e todo mundo o via, ninguém tinha o *menor* problema com isso, *menor* problema. Era o jeito do cara, a característica dele, era como ele gostava de se vestir, de se portar, e era um cara, era não, ainda é, acho que está vivo ainda, *extremamente* gente boa, *extremamente* querido. No final de um dos últimos jogos do Olímpico, eu me lembro, acho que em 2010, 2009, algum amigo meu me viu abraçar uma figura folclórica da torcida do Grêmio, também gay e me cobrou depois: “Báh, mas tu te dá com esse gay?” E eu falei: “Mas qual é o problema, cara? O que eu tenho a ver se o cara é gay, te incomoda? Muda a tua vida isso? Me explica melhor o que tu está pensando”. Porque não tem o menor problema. E esse cara que eu abracei e tirei foto é um cara muito conhecido do Grêmio [riso], e ele também usava umas roupas bem desconcertantes nos jogos, e as pessoas eu acho que se sentiam incomodadas. Ele usava, agora na Arena eu não tenho visto ele, só lá fora, dentro do estádio não, mas no Olímpico eu via muito, porque ficava próximo. Ele usava umas roupas assim *extremamente* desconcertantes, marcantes, próprias do público gay, e as pessoas achavam

---

<sup>16</sup> Everaldo Marques da Silva.

muito engraçado e eu via, lógico, que ele estava com roupas diferentes. Mas, para mim, não mudava nada.

L.A. – E que tipo de roupas eram essas?

A.S. – Ah, ele usava umas toucas no inverno de oncinha, toucas com umas orelhas caídas fazendo um cachecol, combinava camiseta do Grêmio com calça rosa. No verão também tinha uns modelos muito engraçados [riso], mas na boa, cada um usa o que quiser.

L.A. – Mas você via essa figura folclórica dessa forma ao longo de vários anos, até hoje o encontra assim? Não era uma coisa que acontecia necessariamente só dentro de um grupo que o protegia?

A.S. – Sim, sim, sim. Até hoje ele anda assim, é o jeito que ele gosta de andar, de se portar, e, claro, como eu disse, existe preconceito, existe, e para algumas pessoas isso incomoda, isso choca. Mas claro, eu insisto, eu não tenho nada a ver com isso. Se o cara quer andar assim, eu achava engraçado, tu vai achar engraçado certos modelos, mas se a pessoa quer usar o problema é dela.

L.A. – E algum deles chegou a relatar para você como é que foi o processo de fim da Coligay?

A.S. – Ah, o processo de fim da Coligay com certeza foi movido a preconceito, foi movido a preconceito dentro do Grêmio, da sociedade, enfim. Mas também todas as torcidas do Grêmio organizadas, ou quase todas, de uma maneira ou outra acabaram, então eu acho que a história teria acabado com a torcida ao natural. O que eu vejo, com o surgimento da Geral do Grêmio, as torcidas do Grêmio, quase todas, acabaram, as organizadas. A que resiste, que eu vejo na Arena com faixa e com pessoas lá, não com a faixa somente, é a Jovem. Inclusive, perto de onde a gente estaciona o carro, é a sede da Jovem, e eu vejo ali tem duzentos, as vezes cem, cento e cinquenta que ainda resistem com essa forma de torcida antiga, com camiseta da organizada, com materiais, num espaço determinado. Eu acho que a Geral do Grêmio tomou conta do que se diz e se entende por torcida quase organizada dentro do estádio. Porque a Geral tem uma organização, não tem como dizer

que não tem, mas eles não estão caracterizados com uma camisa única escrita Geral do Grêmio, a característica da Geral é que cada um vá com a camiseta que quiser, do Grêmio. Então eu acho que a Força Azul acabaria de uma maneira ou outra, e também a Coligay, muito pela característica delas enquanto família, porque as pessoas vão cansando, vão ficando mais velhas, e vão perdendo o interesse de ficar em pé, gritando, torcendo, cantando, acho muitos não tem nem energia para fazer isso. Eu lembro que na época, a Força Azul e também os integrantes da Força Azul que eram da Coligay, ninguém era mais criança, fora eu e um pequeno grupo. Tinha muita gente acima dos quarenta, dos cinquenta anos. Hoje essas pessoas devem ter uns setenta, outras sessenta, e não é característica dessas pessoas, deixa faixa etária, ficar lá torcendo, gritando, pulando noventa minutos, ninguém aguenta mais, né? Tu vê muita gurizada envolvida, eu reparo na Geral do Grêmio, tem um senhor lá que eles chamam de Vô Vida Louca da Geral, que é um senhor lá que ele deve ter uns sessenta e quá quá quá. Ele é o único no meio de uma gurizada, o resto não chega nos quarenta. Tudo trinta e poucos, vinte, dezoito... É um modo que eu vejo a torcida também, não sei se é exatamente isso, mas eu acho que a Força Azul, a Coligay, iam acabar ao natural.

L.A. – E algum deles chegou a verbalizar para você episódios marcantes de preconceito?

A.S. – Se falaram eu não lembro. Lembro que eles falaram, assim, de gritar... Povo gritava “gay”, “viado”, mas, assim, de ostensivo eu não lembro de ter ouvido. Não lembro mesmo. Eu seria mentiroso se dissesse “Ah, houve”. Não sei dizer.

L.A. – E nas entrevistas que eu já fiz e lendo sobre a Coligay, eles falam que eles tinham uma série de músicas engraçadas...

A.S. – Ah, o pessoal adorava falar isso pra nós na época da Força Azul e eles demonstravam como eles ficavam no estádio, indo de um lado pro outro com pompons... Uma coisa *muito* engraçada. Quase umas *cheerleaders* americanas dentro do estádio.

L.A. – Então por vezes eles ainda faziam isso...

A.S. – Cantavam e o estádio todo olhava. Era muito engraçado! E claro, devia ter gente preconceituosa olhando e recriminando, mas eu achava muito engraçado. E sempre gostei muito de fazer parte disso. De tá ali no meio, de conviver com eles, de ser amigo deles, de ouvir as histórias, as músicas. Gostava muito desse ambiente, de tá ali junto.

L.A. – E você acha que a presença deles com esse tipo de performance, em alguma medida influenciou a performance da Força Azul? Vocês tiveram novas músicas, novas gestualidades?

A.S. – Sim, sim, foi muito bom tu perguntar, *muito* pertinente. A Força Azul era muito influenciada por eles, eu via que a Força Azul torcia de um modo diferente, em relação as demais organizadas, e esse modo diferente era o modo que só podia remeter à Coligay. As danças que eles faziam enquanto cantavam, os gestos que eles faziam, até o tipo de música que a Força Azul cantava, porque o Grêmio sempre músicas tipo grito de guerra: “Vou matar”; “Colorado vai morrer”; “Vou te pegar na saída.” A Força Azul não, eram músicas sempre: “Vamos Grêmio”, incentivando o Grêmio, e muita músicas que só podiam ser oriunda da Coligay, muita música lúdica que eles cantavam, eu achava muito engraçado [risos], o tipo de música que eles cantavam, no começo tu pensava: “Bah, se os jogadores do Grêmio estão escutando isso, eles não vão nem correr” [risos].

L.A. – Você lembra de algumas delas?

A.S. – Não, infelizmente não. Mas eram músicas lúdicas, não tinham nada de grito de guerra, de: “Vou matar”; “Na saída tu vai morrer”, e palavrão para os adversários, não. Eram sempre em incentivo ao Grêmio e muita música voltada para aquele público deles.

L.A. – Então tinha alguma música, por exemplo, que falava da beleza de jogador, ou algo nesse sentido?

A.S. – Tinha, tinha. E claro né, Luiza, a Força Azul tinha poucos integrantes perto das outras, as vezes tinham dez num jogo, cinquenta, cem não chegava nem perto de cem. Então como ficava o estádio, em muitos jogos, vazio, ninguém ouvia o que a gente estava cantando. Imagina, a torcida ficava num determinado canto atrás da goleira cantando essas

músicas, ninguém nem sabia o que estava existindo. E eles se divertiam, por que, justamente, estão parados em um canto, torcendo, ninguém está recriminando, ninguém está vendo, ninguém está ouvindo, eles cantavam o que eles queriam, o que eles queriam eles cantavam, ninguém tinha frescura.

L.A. – E o restante da torcida, em alguma medida, também cantava junto essas músicas com eles?

A.S. – Todo mundo, todo mundo. Como eu disse, não de um modo pejorativo, era *engraçado*. As músicas eram engraçadas, e a gente entrava na onda, entrava na brincadeira, porque não tinha maldade. As pessoas hétero, ninguém via maldade em cantar junto, em brincar junto, era uma brincadeira. No fundo estavam ali se divertindo e torcendo para o Grêmio. Eu nunca vi maldade, e tenho certeza que... Estou falando contigo me vem na mente assim, as cenas do estádio e as pessoas, que tem uns que eu vejo até hoje, ninguém tinha preconceito, ninguém tinha maldade, todo mundo cantava e brincava junto.

L.A. – E quando você fala do movimento, das danças diferentes, você poderia me descrever um pouco como é que eram essas danças? Como é que era esse gestual, essa movimentação?

A.S. – Ah, era quase carnaval, quase carnaval. Eles andavam de um lado para o outro com pompons, uns até reboavam na arquibancada, davam uns passinhos tipo de carnaval, dois passinhos para lá, dois passinhos para cá. Inclusive a primeira festa que eu fui da Força Azul, o presidente inventou que ia ser um galetto, com o primeiro grito de carnaval, isto também *lá* no início dos anos 90, num salão que o Grêmio tinha, que não existe mais que era chamado Ovelhão. E esse grito de carnaval foi realmente um grito de carnaval, porque eles fizeram uma festa estilo carnaval, tinha gente fantasiada, o pessoal estava o mais à vontade o possível e dançando mesmo, era carnaval mesmo, e foi assim, uma das festas maiores da Força Azul que eu lembro, fora os churrascos para arrecadar algum dinheiro, mas aquela festa assim, o pessoal da Coligay mais à vontade do que naquela festa, impossível. E convidaram outras pessoas que não eram da Coligay, mas que eram gays, e tinha gente nem era gremista, mas queria estar junto porque eram amigos deles, dos

cabelereiros, de todos. Então, foi uma festa, assim, gigantesca, muito divertida, e no mesmo estilo que eles tinham na arquibancada.

L.A. – E em meio a esses anos seus de convivência, teve algum episódio de violência, algo mais grave, de agressividade em relação a preconceito?

A.S. – Em relação a preconceito com eles, exclusivo? Não, não. Aliás, em todo o período em que estive na Força Azul, nunca teve episódio de violência, nem com eles, nem contra eles, nem contra nós, a torcida era muito da paz. E como eu digo, preconceito sempre teve, sempre vai ter, mas as pessoas no estádio eu lembro muito bem disso, ninguém falava nada, ninguém, ninguém recriminava assim de forma publica, aberta, ninguém incitava violência contra eles, com eles, nunca vi nada.

L.A. – As falas que você falou anteriormente, de “bicha”, de “ah seu gay”, eram gritos mais isolados?

A.S. – Isolados e muito dos colorados, assim, sempre tentando tirar uma pseudo vantagem em cima disso, “a torcida do Grêmio tem um monte de gay”.

L.A. – Não havia gritos coletivos da torcida? Algo assim?

A.S. – Nunca, nunca. Coletivo da torcida, das organizadas gritando junto, nunca, nunca. Inclusive em Grenais, tinha uma época que a torcida do Grêmio em Grenais tanto no Olímpico, como fora no Beira-Rio, ficava todo mundo junto, tudo mundo junto, todas as organizadas juntas, porque o Departamento Eurico Lara numa reunião determinou e pediu que todas as torcidas ficassem juntas, porque claro, as torcidas eram pequenas na época né, a que tinha mais tinha cento e cinquenta, que era a Jovem e a Raça. Então óbvio, todo mundo junto canta mais alto né, todo mundo junto faz um barulho bem maior, e *mesmo* nesses dias não tinha problema, todo mundo convivia *extremamente* bem, inclusive aqueles músicas que torcida toda se abraça, laiálaiá, todo mundo junto, todo mundo junto, e o importante era que o Grêmio ganhasse, ninguém falava nada.

L.A. – Eu estava finalizando, mas vou lembrando das coisas. Como era relação do Departamento Eurico Lara com vocês?

A.S. – É engraçado, porque o Departamento Eurico Lara tinha um cara chamado Celso<sup>17</sup>, eu lembro muito bem dele, que era o diretor, não sei se tinha presidente, e a vice e que depois veio a ser diretora era a Maria<sup>18</sup>, que era uma mulher da Máquina, de uma dessas famílias grandes da Máquina, e sempre tinha, nas reuniões do Departamento, um representante específico de cada torcida. Eu fui em mais de uma reunião do Departamento Eurico Lara, embora eu fosse muito jovem, mas eu tinha horário disponível, e a convivência também era muito pacífica, totalmente diferente do que é hoje. Tinha brigas com a torcida do Inter, mas eram coisas menores e o Departamento Eurico Lara era muito unido, muito unido, então o que determinava, a gente cumprir à risca o horário, organização de saída de ônibus, bagunça não tinha, as pessoas prezavam muito pelo Departamento Eurico Lara, e o Departamento Eurico Lara por sua vez, prezava *muito* a imagem do Grêmio. Então eu lembro que nas reuniões as pessoas falavam demais a questão de “olha, não vamos fazer confusão, é o nome do Grêmio, do Departamento, isso depois vai pra mídia, a gente é punido, o Grêmio corta ônibus, corta dinheiro”. O Grêmio ajudava, subsidiava as torcidas, e todo mundo cumpria muito à risca, era muito organizado, o Departamento em si. E as torcidas eram muito comprometidas com a imagem da sua torcida. Depois das reuniões do Departamento, a gente trazia para a reunião da torcida o que a gente tinha de mensagem, o que tinha que ser feito, e prezava muito o nome da torcida. Força Azul prezava demais: “Olha só não vamos fazer bagunça, não sejamos nós os que vão queimar o filme, os que vão arrumar confusão, não sejamos nós os que serão mal vistos no estádio, não sejamos nós os que vamos brigar fora de Porto Alegre ou fora do Olímpico.” Todo mundo prezava muito essas coisas. Era muito unido o Departamento, até agora, inclusive, o Grêmio quer retomar, criou um departamento chamado Departamento da Torcida Gremista, que vai funcionar, eu acho, que nos mesmos moldes, inclusive tem um cara político aí que vai ser o diretor. Tomara que dê certo.

L.A. – Você falou que o Grêmio subsidiava as torcidas, que tipo de subsídio?

---

<sup>17</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>18</sup> Nome sujeito a confirmação.

A.S. – O Grêmio dava, dava. Isso não é escondido, isso não é velado. O Grêmio dava um dinheiro para cada torcida comprar material. Então, claro, a torcida fazia vaquinha, fazia churrasco, galeto, festa para arrecadar dinheiro para comprar mais materiais. Então se a torcida fosse fazer camisetas, o Grêmio ajudava numa parte das camisetas para que os integrantes da torcida pagassem menos na camiseta, o Grêmio dava dinheiro para as torcidas comprarem uma parte das bandeiras, o Grêmio dava dinheiro para a torcida comprar uma parte dos bambus, para comprar faixa, o Grêmio dava ônibus para a torcida viajar, isso eu lembro com muita precisão, *muita* precisão.

L.A. – Ingressos para os jogos também?

A.S. – Ninguém pagava ingresso na época, até porque as torcidas eram pequenas. Quem era da organizada pagava mensalidade da torcida organizada e não pagava para entrar desde que a mensalidade estivesse em dia, mas a mensalidade era sempre muito pequena, era um valor, assim, quase irrisório, também para tu ajudar nas coisas da torcida. Eu lembro que as torcidas tinham uma sala lá no Olímpico, no segundo andar. Claro, cada sala era melhor, tinha mais recurso conforme tinha mais gente, mais gente pagando, aí as salas eram um pouquinho melhores. A da Raça sempre foi a sala mais bonita, a da Jovem era um *lixo*, porque a Jovem não estava preocupada com sala nenhuma. Eles queriam beber, fumar, e aquele jeito gurizada “iraiêra”. A Força Azul no começo tinha uma sala *muito* feia, *muito* feia, que era um ex-depósito de um bar, daqueles bares que ficavam lá em cima do Olímpico, e com o tempo eles foram arrumando, porque eles eram também muito caprichosos. Eu lembro que uma época eles conseguiram comprar um piso, botaram um piso de plástico muito bonito, ficou bem legal, conseguiram iluminar bem a sala que era muito escura no começo, alguém doou uma geladeira, um outro doou uma mesa, e a sala assim foi se arrumando, foram fazendo murais com fotos, colavam a guarda bandeira para guardar faixa. A sala foi melhorando com o tempo, até no final eu não lembro quando acabou, como acabou, mas eu lembro que a sala progrediu, e muito também, claro, com a ajuda do Grêmio.

L.A. – Você saiu da Força Azul antes dela se extinguir?

A.S. – Sai antes, sim antes.

L.A. – Você não sabe quando ela encerrou as atividades?

A.S. – A Força Azul deve ter ido até 1997, no máximo. Querendo muito, até 1998, certo que de 1998 não passou.

L.A. – Acho que é isso André. Tem alguma coisa que você queira complementar em relação a qualquer um dos aspectos que eu não tenha te perguntado?

A.S. – Com certeza ressaltar que foi um período, como eu disse, um período muito bom na Força Azul, muito legal, me diverti *muito*, o ambiente era muito bom, era muito familiar, as pessoas eram muito amigas entre si, nunca confusão, entre nós também nunca houve preconceito, o convívio era muito bom, e claro né [risos], o que a gente queria era torcer pro Grêmio. As viagens de torcida fora de Porto Alegre eram mega agradáveis, eram outros tempos com certeza, a gente não tinha essa preocupação com violência, com drogas, enfim, foi muito legal. Foi um tempo muito bom que eu me orgulho muito de ter feito parte desse movimento, dessa torcida. Não foi de graça que eu fui parar na Força Azul, acho que os estilos das pessoas, como eu disse, acabam pautando onde tu vai andar, quem tu vai ser, com quem tu te relaciona, e eu só me orgulho disso.

L.A. – MUITÍSSIMO obrigada então, valeu!

[FINAL DA ENTREVISTA]